



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL

AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL

PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00992015CE



Quinzenário • 12 de Dezembro de 2015 • Ano LXXII • N.º 1872 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

CALVÁRIO

Padre Baptista

A nossa Capela era um antigo espigueiro, onde se guardava o milho produzido na quinta. Com a habilidade dos pedreiros foi transformada em Capela. É original e encanta quem curiosamente a contempla por fora e espreita religiosamente no interior. Mas não tem sacristia. Um pequeno armário serve perfeitamente para a substituir.

Por isso, ninguém me pode dizer que sou padre de sacristia, pois não a tenho.

Muito boa gente deseja fechar os padres na sacristia, afirmando que é ali o seu lugar exacto.



A minha vida não é vista, pois, como digna porque é passada junto dos doentes, dando-lhes de comer, lavando-os, cuidando das suas necessidades básicas e que eles não podem fazer.

A missão do padre – dizem – é ensinar e pregar.

Mas eu prego de outra forma. Os doentes pedem-me aquelas tarefas e ficam felizes quando me vêem junto deles, como irmão a cuidar dos irmãos doentes e dependentes.

A fé sem obras é morte, diz a Escritura.

Já me disseram que não fiz um curso de Teologia para isto. Mas sem ele, certamente, não era capaz disto, de uma entrega radical aos pobres do Reino. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

UMA carta recente, recebida de um dos nossos que não conseguiu soltar-se das amarras com que a vida familiar e social o atou, prendeu-me a atenção, sendo certo que não é o único impedido do uso da liberdade para que todos fomos criados.

Paira já, nestes dias, na mente e no coração de todos, o ambiente único que o Natal inspira a todo o género humano. Ele traz consigo o anseio de liberdade e de dependência, simultaneamente. Liberdade para nos sentirmos nós plenamente, mas também dependência porque exige a nossa ligação aos outros e ao Outro, Aquele que, mais que ninguém, foi livre na plena assunção da Sua vida e no entregá-La em favor daqueles por quem nasceu.

A infância daquele que me trouxe um pouco da sua história pessoal, foi difícil, como acontece com a generalidade de todos os outros, especialmente antes de começarem a ser nossos. Há

BENGUELA

Padre Manuel António

O Amor verdadeiro é salvador...

O tempo do Advento chegou. Estou a escrever estas Notas no primeiro Domingo. Foi uma manhã de muita alegria para um grupo numeroso destes filhos que foram à praia. O convívio que acontece na praia com os filhos das famílias normais, é muito saudável para o seu crescimento pessoal. Deste modo, sentem-se integrados na sociedade e não excluídos, graças à nossa Casa do Gaiato. O Advento significa a vinda de Jesus. É verdade. Jesus continua a vir ao nosso mundo e não pode faltar. Sem Ele faltariam os autores das ideias novas salutareas, com as palavras de amor, de paz, de reconciliação para construir um mundo novo. A Obra da Rua, com todos os seus ramos, foi uma árvore plantada por Jesus no coração de Pai Américo. Quem dera cada um de nós abra o seu coração e se deixe transformar pela força do amor verdadeiro que nos leva à partilha da nossa vida e dos nossos bens. Deste modo, estaremos a fazer

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Património continua a ser prova evidente, irrefutável e próxima da Providência Divina.

Ele, o Senhor, trabalha no coração dos Homens ajudando-os a responder aos actuais apelos deste Advento.

«O Senhor vos faça crescer e abundar na Caridade uns para com os outros e para com Todos (...) para que os vossos corações se conservem irrepreensíveis na santidade diante de Deus Nosso Pai.»

De Aveiro veio um e-mail do avô agradecido pela neta que acaba de nascer, «1000€ para ajudar essa pobre Janete até que lhe seja atribuído o RSI».

Após uma conversa amigável com o casal, ela e ele, dei-lhes também um cheque passado à escola de condução para ele tirar a carta e não mais volte a conduzir ilegalmente.

Uma agente do Tribunal telefonou-me a perguntar se era verdade que eu tivesse dado ao homem 530€ para o habilitar à condução. — É verdade sim Senhora!

Quanta luz terá entrado naquele espírito com esta revelação e quanto apreço pela Justiça para homens que o condenaram, o libertaram e, agora, analisam a situação!

O poder Divino e a Sua Justiça veio desta maneira ao encontro do pobre.

Do Seixo de Mira vieram 800€ pelas mãos de uma apóstola a vida inteira «que agora sofre em silêncio» porque os seus netos não seguem o caminho do Senhor. Eu entendo esta dor. Durante toda a minha vida ela tem sido um espinho terrível dentro de mim. Ah!, que se todos os rapazes criados, e a criar, seguissem o caminho de Deus que continuamente lhes aponto com a vida e a palavra!... Mas... para eles... se as vozes do mundo e do seu egoísmo falam mais alto, não os surpreende e vão de encontro dos seus apetites e paixões, apresentando-lhes um ideal ilusório, mais fácil de conseguir, e impedindo-os de ver mais longe.

Deixe lá... Quando amadurecerem e sentirem que a vida é curta, lembrar-se-ão da fé da sua avó e voltarão, também eles, para os caminhos de Deus.

A nós compete conseguir uma santidade irrepreensível, continuar a sofrer em silêncio e a rezar confiadamente. Não fica por aqui esta senhora: «Eu acho que a carta mais linda que lhe posso mandar é repetir

Continua na página 4

alguns anos visitei-o onde se encontra enclausurado, e não mais deixou de se manter em contacto connosco, até porque, como ele diz, «fui habituado desde pequenino a viver na solidão, pois os meus pais pouco carinho me deram», e viu retomado o abandono, pelo menos, desde que ficou privado da liberdade.

Conta ele: «O meu pai tinha problemas com o álcool e batia na minha mãe. Era, por isso, que eu com a idade de 8 para os 9 anos fugia de casa e dormia onde calhava». Então «a minha mãe separou-se do meu pai».

A família é o lugar em que o ser humano se encontra com a vida e consigo mesmo; mas nem sempre este encontro é feliz: «Ando farto de viver esta vida que me tem sido madrastra», escreve agora.

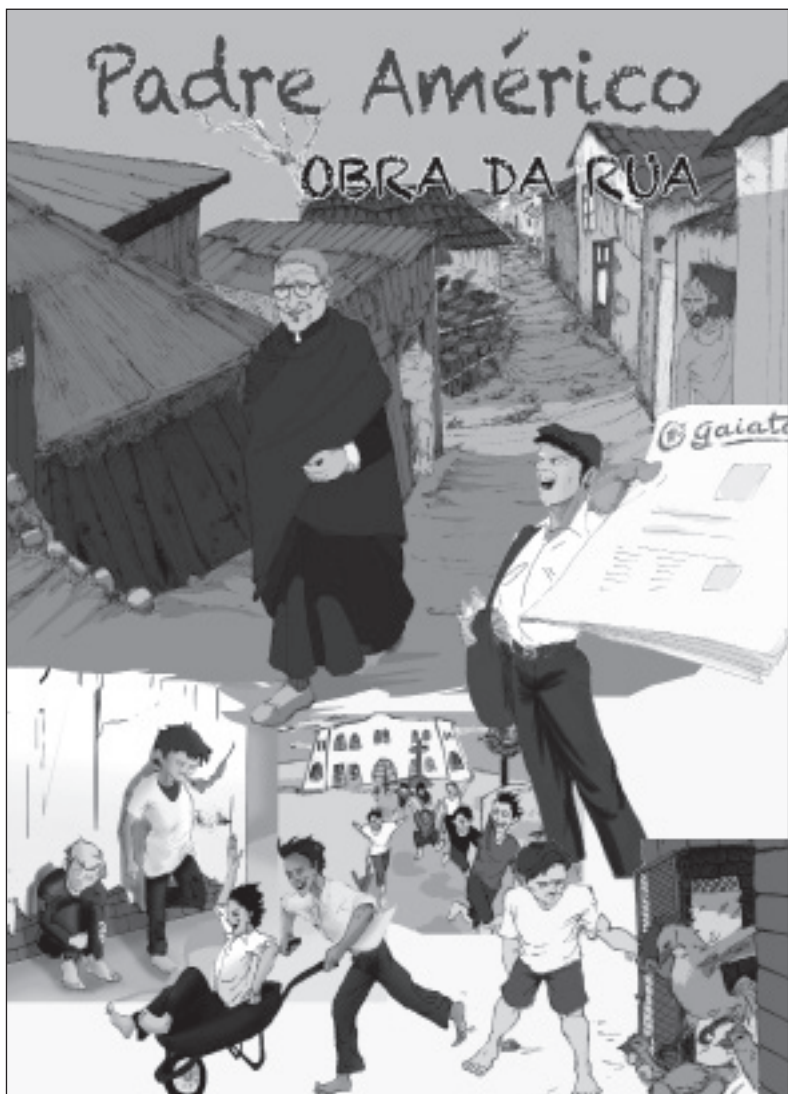
Aos 12 anos, após a separação dos pais, «estive na Casa do Gaiato, no tempo do nosso querido Padre Horácio, em Miranda do Corvo. Foi bom ter conhecido a Casa do Gaiato e o senhor Padre Horácio... porque era um pai para nós gaiatos como o foi o nosso Pai Américo».

«Estive lá até aos 17 anos e, depois, uma família tirou-me da Casa do Gaiato e levou-me para a cidade de Coimbra onde fui viver com a dita família. Quando fiz os 19 anos ofereci-me como voluntário para a tropa e escolhi a Armada ou seja a Marinha onde estive até aos 21 anos. Saí da Marinha com o posto de 1.º Cabo Ajudante. Aos 23 anos perdi essa Família de Acolhimento num desastre de viação perto de Viseu».

Não faz nenhuma apreciação qualitativa a estes seis anos de vida, unicamente refere a oportunidade que perdeu ao recusar o convite da Marinha, no final do tempo de tropa obrigatório, para ingressar na Marinha Mercante «eu não quis», e das consequências da perda da família que o fora buscar à Casa do Gaiato: «A partir dessa data a minha vida desmoronou-se. Vim para Lisboa tentar arranjar uma vida digna... Eu e alguns gaiatos, infelizmente, fomos as ovelhas trespalhadas do rebanho... Foi a vida que nos fez sermos uns rapazes da rua e fazermos mal ao nosso próximo».

O Natal traz a liberdade aos cativos e o recobrar da vista aos cegos: «Ore por todos nós os reclusos que estamos espalhados pelo mundo inteiro, não só os reclusos portugueses». □

Pelas CASAS DO GAIATO



CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A CAROLICE E O DINHEIRO — Por causa das despesas havidas com a reparação de casas do Património dos Pobres da paróquia, que foram assumidas pela nossa Conferência, e também por causa de consequências da crise económica dos últimos anos, temos estado a dar uma atenção, ainda maior do que a que sempre tivemos, à angariação e distribuição do dinheiro que é utilizado no apoio às pessoas que acompanhamos.

Esta situação fez-nos lembrar de duas ideias erradas que se encontram por aí com muita frequência quando se fala de acção social. Uma é que este tipo de acção deve ficar entregue, principalmente, à livre iniciativa privada, ou seja, à carolice. Outra ideia é dizer que “atirar dinheiro para cima” dos problemas sociais é mais despesa que não resolve problema nenhum.

Como acontece com todas as visões simplistas da realidade, nestas também há um pouquinho de verdade, juntamente com muita coisa errada.

Não há dúvida nenhuma que o empenhamento voluntário e gratuito das pessoas na ajuda ao seu semelhante que precisa de ajuda é uma componente essencial e insubstituível da acção social. As Conferências Vicentinas estão aí como uma expressão viva desse tipo de empenhamento.

Dito isto, não quer dizer que esse tipo de empenhamento seja suficiente para combater os problemas sociais. Para além da dádiva de tempo da nossa vida é preciso mais alguma coisa, incluindo o dinheiro necessário para acudir a algumas componentes desses problemas.

É claro que também não basta, nem, muitas vezes, é a intervenção mais adequada, simplesmente distribuir dinheiro por quem está numa situação de pobreza. Dito isto, também é verdade que, muitas vezes, algum dinheiro é preciso para acudir a essas situações. Se esse dinheiro for bem distribuído, então não se trata só de mais despesa sem retorno mas, sim, de um instrumento que, bem combinado com outros, ajudará pessoas a terem uma vida condigna. Se assim for, então esta “despesa” poderá prevenir, ou reduzir “despesas” maiores, valendo aqui a pena relembrar as muitas e vigorosas intervenções do Santo Padre, quando chama a atenção para o facto da pobreza e doutrinas formas de desigualdade serem causas de guerra.

O nosso NIB: 0045 1342 40035435340 43

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da Administração do Jornal):

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

ANIVERSÁRIO — O nosso antigo gaiato «Eusébio» fez 50 anos que entrou na nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Nesse dia ele decidiu vir almoçar com a sua esposa, junto com a nossa Comunidade. No final do almoço fez um discurso agradecendo à nossa Obra por tudo aquilo que lhe deu. Quando foi Rapaz da nossa Casa foi chefe maior. Depois foi trabalhar para fora até que foi convidado para vir trabalhar para a nossa oficina de tipografia, onde está já há muitos anos. Ele é um dos nossos mestres tipógrafos que faz o nosso Jornal. Desejamos muitas felicidades para ele, esposa e filhos.

BANDA DESENHADA — Lembramos aos nossos Amigos que já temos o livro da Banda Desenhada sobre a vida de Pai Américo disponível para ser adquirida. É uma boa prenda para os nossos Amigos oferecerem aos seus familiares no Natal, especialmente os mais pequenos, embora seja para todas as idades. Podem fazer os seus pedidos à nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

SALÃO DE FESTAS — O nosso mestre carpinteiro está a aumentar o palco do nosso salão de festas. Na altura do Natal os nossos Rapazes vão representar uma peça de Natal que estão agora a ensaiar. Estão

todos os nossos Amigos convidados para assistir e celebrar connosco o Nascimento de Jesus, participando também na nossa Missa do Galo. Desde já a todos desejamos um Feliz Natal.

A NOSSA ALDEIA — Fizemos a poda a algumas árvores. Os ramos mais finos são queimados no campo e a lenha mais grossa é cortada e guardada para depois usar nas nossas lareiras. O aquecimento da água e das casas é feito com a lenha que vamos juntando no armazém da lenha. As folhas são aproveitadas para fazer estrume que será aplicado nos nossos campos agrícolas. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

EXPOSIÇÃO GAUDIUM ET SPES EM COIMBRA — Nos 50 anos da *Gaudium et Spes*, do II Concílio do Vaticano, a Comissão Diocesana Justiça e Paz, através da nossa amiga Dr.^a Teresa Pedrosa Lima, convidou a nossa Obra a participar no *Colóquio Alegria e esperança em tempo de (in)diferenças* e numa Exposição, no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra, a 28 de Novembro de 2015, pelas 9.30 horas. Moderado pelo Dr. João Loureiro, o orador principal foi o Dr. João Duque, que realçou a importância da família cristã, em que cada pessoa é única e responsável pelo outro. Esteve presente o Sr. Bispo de Coimbra, D. Virgílio. No átrio, apresentámos um interessante painel A1 sobre Pai Américo e a Obra da Rua, em especial a nossa Casa do Gaiato.

EXPOSIÇÃO TERRA E CÉU EM FÁTIMA — A 28 de Novembro, Sábado, pelas 14.30 horas, no *Convívium* de Santo Agostinho, no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade, em Fátima, aconteceu a abertura da Exposição *Terra e Céu: Peregrinos e Santos de Fátima*, evocativa da aparição de Setembro de 1917. O Postulador da Causa do nosso Pai Américo, Mons. Arnaldo Pinto Cardoso, e o Vice-Postulador estiveram presentes. A Obra da Rua fez-se assim representar, por indicação do Sr. Padre Júlio, e cedeu um Breviário (de 1926) do nosso

Pai Américo, que se encontra juntamente com outras peças de Servos de Deus e Veneráveis, cujas Causas de Beatificação estão em curso. Trata-se de uma bela exposição, com um bom catálogo, que deve ser visitada. Note-se que Pai Américo a 13 de Maio de 1952 pregou em Fátima, dizendo conforme registo afixado: *Muitos voltarão para a sua freguesia por caminho diverso daquele que os conduziu a Fátima, isto é, pensando de outra maneira*. É uma boa oportunidade de lembrar à Igreja e ao mundo o seu serviço aos pobres.

AGROPECUÁRIA — A 12 e a 26 de Novembro, depois de se ter apanhado a azeitona dos nossos olivais, levaram-se duas carradas (30 e 43 sacos) a um lagar de Oliveira do Hospital. Concluiu-se, assim, a safra da azeitona neste ano agrícola, em que os Rapazes também se empenharam com o Pedro e o Emídio. O nosso azeite é muito útil e bom para a nossa alimentação. Começaram-se a lavar os terrenos para as sementeiras da aveia, desde o olival dos poços, depois a *terra nova*, a terra do *ti Jaime*, seguindo-se os outros campos. Temos muitas couves e variadas na nossa horta de cima; na qual também se cortaram as ervas. Aqueles vegetais servem especialmente para a nossa sopa.

MAGUSTO EM S. JOSÉ — A 8 de Novembro, Domingo, pelas 15 horas, fomos convidados (como é

tradição) pela Paróquia de S. José, em Coimbra, para participar no magusto dessa comunidade cristã. A iniciativa partiu do Sr. Padre João Castelhano e das Catequistas, que organizaram com muito carinho essa tarde. O Agrupamento de Escuteiros orientou os Rapazes da nossa Casa com jogos populares interessantes. Para além das castanhas que chegaram para todos e sobraram, os pais das crianças e adolescentes da catequese, partilharam doces, sumos e outros bens. À volta das mesas, ao lado das arcadas da Igreja Paroquial, houve um alegre convívio e uma boa merenda. O nosso muito obrigado!

VISITANTES — Ao longo do ano e mais perto do Natal, os nossos amigos vêm visitar-nos para saber da nossa vida e também partilhar as suas alegrias e até sofrimentos. A 22 de Novembro, Domingo, pelas 11 horas, visitou-nos um grupo de catequese da Paróquia de Samuel (Soure), com a sua amizade e partilha. Bem hajam!

CONTACTOS — Para facilitar a comunicação dos nossos amigos e amigas com a primeira Casa do Gaiato, informamos mais uma vez os nossos contactos: Obra da Rua—Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, R. Casa do Gaiato, n.º 628, 3220-034 Miranda do Corvo; Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099; E-mail: gaia-tomiranda@sapo.pt; NIB (CGD): 003504680000557733018. □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Não existe no mundo dia mais, que não seja o nascimento de Jesus. As famílias fazem as suas compras, outras não, mas gostariam muito de também o poderem, pelo menos ter mesa cheia e um mimo para as suas crianças.

O nascimento de Jesus foi para a redenção da Humanidade. Ao longo dos anos tem havido muitas transformações, umas para melhor, outras nem por isso, que

a terra sofreu com a sua doutrina, que é a do Pai do Céu. Pai sempre presente que não espera pelo Natal para dizer cheguei! Ele acompanha-nos dia após dia, segundo após segundo. Jesus nasceu para viver connosco todos os dias da nossa vida, nós é que só nos lembramos d'Ele mais pelo Natal, por isso o Senhor Jesus é para nós, no Natal, aquele Senhor tão desejado, amado e querido, que nasce todos os dias nos nossos corações, na nossa alma.

Sem Ele o que somos? O que fazemos? Em especial nas nossas Conferências Vicentinas a presença do Pai tem de estar a todo o momento das nossas vidas, para

nos ajudar neste projecto de vida, neste mundo terrestre.

Caros amigos, neste momento que vos escrevo, é a pensar nos nossos irmãos mais carenciados, que pouco ou nada têm para pôr na mesa para festejar o Natal. Por este motivo, apelamos a todos que nos ajudem, porque temos fé que o Pai do Céu nunca se esquece dos seus filhos.

Contamos com a vossa generosidade a fim dos pobres nesta quadra tenham uma mesa mais bem composta e as suas crianças tenham um miminho no sapatinho.

Tiragem média d'O GAIATO,
por edição, no mês de Novembro,
22.025 exemplares

SETÚBAL

Padre Acílio



Espaço dos vitelos da Casa do Gaiato de Setúbal

Oferta sacrificada e silenciosa

A TENDI um telefonema do Barreiro. De lá, falava uma voz feminina a perguntar se eu aceitaria uma mobília de quarto. Aceito sim senhora!

Quem anda por casas vazias e encontra famílias a dormir no chão ou sobre paletes de madeira a servir de estrados, dá grande valor a uma oferta destas!

— *O meu problema é o transporte. O motorista está de férias e não tenho grandes possibilidades de ir aí buscá-la.*

— *Se eu a levar aí, você aceita-a?*

— *Com certeza.*

— *Então vou falar com o meu marido e vamos ver se conseguimos uma camioneta emprestada.*

— O valor da dádiva aumentava diante de mim e aos olhos de Deus. Isto é gente de primeira!

Outra vez o telefone com a mesma doçura: — *Arranjamos uma camioneta velha de um familiar nosso, vamos carregá-la e levá-la aí. Vocês têm quem ajude? O meu marido está a chegar do trabalho, irá telefonar e vós orientá-lo-eis no caminho a seguir.*

À quarta-feira, nessa noite, em Casa, havia Catequese. Costumo ficar com os mais velhos e o telemóvel do marido tocou várias vezes: — *Estou na Volta da Pedra e agora? Estou frente à estação de Palmela, que caminho sigo?*

Acabou a Catequese. Estamos a rever o livro do Êxodo. Pedi aos rapazes que esperassem o senhor, descarregassem a mobília no corredor da escola e amanhã a arrumaríamos.

Não sei quem me prendeu que me esqueci completamente de ir receber o senhor, cumprimentá-lo e agradecer-lhe.

O homem descarregou com os rapazes e foi-se embora sem me

falar. Naturalmente iluminado pela palavra de Deus: «*Que a tua esquerda não saiba o que faz a direita*», mas fiquei incomodado até me lembrar da recomendação evangélica.

Afinal quem nos trouxe os móveis era o SENHOR, alguém que O encarnou e a quem ele consola no silêncio das boas obras. Os cristãos procedem desta maneira! Eles são assim, graças a Deus!

Pequenas barracas

COM o nascimento contínuo de vitelinhos fomos obrigados mandar construir mais sete barraquinhas para eles dormirem, nos dois meses em que apanham sol.

Com quatro paletes disponíveis, pregadas umas às outras os carpinteiros facilmente armaram os aconchegos nocturnos para os tenros animais.

Na serralharia, o Nuno fez arcos de ferro para encaixar dois baldes em cada compartimento, um para o leite e outro para a água, mais uma pequena manjedoura para a palha que eles começam a debicar.

Aos 15 dias os bezerros saem do viteleiro e vão para o sol que lhes faz muito bem.

O seu preço está pelas ruas da amargura! Não sei como isto se aguentará! As fêmeas, vamo-las criando para se tornarem leiteiras, mas os machos temos de os vender, excepto um ou outro criado para a nossa alimentação, mas o seu valor é ridículo.

Sempre as Casas do Gaiato foram **Quintas Pedagógicas**, muito antes destas serem inventadas, pois desde o princípio o Padre Américo intuiu que o contacto com a terra, as árvores e os animais entravam facilmente no íntimo dos rapazes e os regenerava.

Agora, uma agricultura ou uma agro-pecuária pequena como a nossa, continua a ser arte de *empobrecer alegremente*, mesmo com os auxílios que o Estado lhe possa dispensar.

DA MISERICÓRDIA Pai Américo



De como eu vi um tipógrafo doente na trapeira de uma casa; e outros, noutros lugares.

Foi no Beco do Moreno, em Maio de trinta e cinco, que o miúdo me apareceu. Enquanto que as grandes artérias das grandes cidades mudam frequentemente de nome consoante as paixões mai-los acontecimentos do tempo, os becos e vielas das mesmas tomam a sorte de quem lá mora — nem nome nem condição. Ninguém faz caso.

Passava eu por ali, naquele mês e ano, quando um garoto da rua embarga o meu caminho num angustioso e imperativo «venha ver o meu pai que está de cama e a gente passamos fome».

O casebre era ali mesmo. Subi a escada apoiado ao corrimão e aos ombros do rapaz, sempre a dizer-me baixinho: «Não caia, meu senhor»; que se os perigos dos Alpes são grandes pela altura, aqui não são menores pela escuridão. Entrei no cubículo. Coisas e formas emergiam da sombra, lentamente. Reconheci o homem com quem falava. Tratava-se de um tipógrafo da Imprensa da Universidade de Coimbra, mandada fechar, ao tempo, por ordem superior e hoje abrigo de pombas nos buracos das paredes.

Quantas vezes não fui eu assobiado às portas daquela casa, só porque uso batina e digo Missa no altar — quantas! Nós éramos conhecidos.

O padre é o grande mal do mundo, assim diziam os companheiros mai-los livros que ele compunha; corrê-lo da sociedade é um grande benefício. «Muitos, por causa do Meu Nome, hão-de julgar fazer bem ao mundo, perseguindo-vos até à morte», ensinara Aquele que vê tudo no presente. Tinha chegado a este homem o feliz momento de ouvir estas verdades e a mim o de me vingar dele à maneira do Evangelho!

Este foi o terceiro tipógrafo encontrado no meu giro que teve a sorte de compreender antes de morrer. Antes dele, um seu colega recebera-me na trapeira com uma pedra na mão: «Enganou-se, padre; aqui não há dinheiro». Morava numa rua antiga da Alta, casa de degraus até ao céu, íngremes, carunchosos, sem luz. O homem era de idade em flor e tinha saído das oficinas para a casa onde morreu, com sangue pela boca. Os colegas visitaram-no, fizeram uma subscrição e, por fim, esqueceram-no. O tempo tudo gasta, até as maiores simpatias. Começa ele agora a viver do que é seu. Primeiramente o relógio, a seguir os trastes, depois as roupas — tudo. Só tinha os olhos da cara quando na mansarda entrei.

O padre, corrido ontem, volta no dia seguinte com mimos e tabaco; arrisca duas palavras e some-se nos degraus — para vencer. Muitas vezes convém recuar para atacar com mais força. Com estas armas na mão, nestes campos de batalha, contra inimigos assim, nunca ninguém naufragou. Este caiu varado, dentro de pouco tempo; e sobre o leito da morte, na maré dos sacramentos, fez o seu testamento deixando-me herdeiro universal de tudo quanto possuía: um filho mai-la viúva.

Do livro *Obra da Rua*.

PENSAMENTO

Pai Américo

A verdadeira Revolução é levantar os Prostrados e não deitar abaixo os que caminham. O mundo está cansado de partos dolorosos que dão em aborto. Os alicerces continuam a ranger. Ainda não chegou a hora alegre de repor na sociedade o Evangelho, viver-se o Cristianismo à moda dos Apóstolos, lançar por terra as mesas dos agiotas.

in *Pão dos Pobres*, 3.º vol., pp 110

Para todos vós um bem-haja e um Natal Feliz e um novo Ano cheio de felicidade, e que o amor entre nos nossos corações.

Termino com uma parte da “oração das chaves”:

Vós, Senhor, que abristes os olhos aos cegos, e os ouvidos aos surdos, dai-nos hoje a única chave que nos falta:

A que não fecha mas liberta, a que nos abre a porta da felicidade e o amor a todos os Homens, a chave do vosso Reino.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Urania Rodri-

gues, 25€. Anónimo 50€. Anónima, de Fiães, total 90€. António Augusto, 50€. Amiga, do Porto, 25€. José Maria, 25€. Rosalina, 20€. Maria Inês, 50€. Anónimo, 50€. António Vidal, 100€. Emília, 200€. Maria Isabel, 30€. Maria Luz, 500€. Maria Isabel, 25€. Aura, 20€. Maria Isabel, 30€.

O nosso NIB: 0010 0000 4417 8020001 58.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis; Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt
obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

A natureza está mesmo zangada, contrariada por não cumprir o desígnio de Deus. Todo o povo espera chuvas e as trovoadas altas a anunciam, mas a chuva que chega à terra parece mais um arremedo que uma promessa. Porque Deus não falha a quem nele confia, já lançámos algumas sementes de soja e feijão nhemba. Agora, vamos libertar o semeador para espaços mais largos. É o milho. Não o temos para ração, para alimentação só em farinha. A África do Sul não tem reservas, nem mesmo o Zimbabwé, até há pouco o maior produtor de África.

Ontem foi rubricado o primeiro acordo com a Agdveco, empresa inglesa que vai implantar no nosso terreno cerca de duzentos e cinquenta ha de bananal e nos terrenos de vizinhos ligados ao nosso, outro tanto. Isso implica, antes de mais, uma conduta de água, já avaliada em um milhão e meio de *dollars*, fora a implantação do bananal e o devido sistema de rega para todos. Este, de muitas páginas, é só referente ao campo de ensaios, onde se vão instalar dois ha a servir de escola para os produtores. Os Rapazes estão a encher as bolsas de plástico, que foi necessário ir comprar na África do Sul, com areia e matéria orgânica dos nossos currais. Nesta fase, ficarão no viveiro florestal, já devidamente arrumado e coberto com rede solar, para que cresçam, pois vêm de laboratório.

O transplante, instalação de rega gota-a-gota, o

acompanhamento na limpeza das plantas até à produção e colheita, daqui a dois anos, vai servir de escola prática aos futuros donos do bananal. Todo este processo é um enriquecimento para os beneficiados e uma garantia para nós pela idoneidade das pessoas que estão a trabalhar connosco. Dá vontade de dizer: *assim é que se faz*. Não é pôr-nos o dinheiro na mão e dizer agora façam. Como em tantos projectos megalómanos por esse Moçambique fora. Quanto se tem perdido e dado até com recta intenção. Quantas pessoas têm sido mandadas embora daqui, que estão a assegurar projectos, com a simples razão de “nós também podemos fazer”. Para nós é uma autêntica batalha, não uma guerra, claro, que essa ou essas já saturam, não só aqui, mas pelo mundo fora. Grandes guerras estão em curso para calar desesperos de quem não vê saídas para as suas angústias, a ponto de invocar a Deus como único garante do seu direito à liberdade, imolando-se a um ideal que nasce como última esperança.

O Papa Francisco apela ao diálogo, para estabelecer pontes de boa convivência. Mas o que vemos e ouvimos são acordos políticos de adesão ao combate. Aviões e porta aviões, bombas de destruição total para erradicar o outro, como se só ele fosse a causa e origem do mal. E este aumenta e alastra. Ninguém se pode julgar em segurança. Nem podemos dizer: estamos na mão de Deus. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Orfandade social

Só elas, as mães, têm o segredo de curar com um sopro as feridas dos filhos e, com um beijo, adormecê-los.

Pai Américo

Nestes últimos dias, têm sido fortes e mediáticas as notícias. Não foi possível, então, passar ao lado de manchetes tão importantes como os ataques terroristas em Paris, a 13 de Novembro, e a cimeira do clima, com os enormes perigos da poluição. O Papa Francisco denunciou que *a violência em nome de Deus é uma blasfémia*; e, em África, procurou promover o diálogo entre cristãos e muçulmanos.

Nas sociedades ocidentais, nomeadamente na Europa, há sobretudo um vazio de regras morais, uma desorientação. Na tradição judaico-cristã, cada pessoa é responsável pela outra — *onde está o teu irmão?* Porém, o fanatismo subverte totalmente a dádiva da vida, sem respeito pela vida humana.

São notórias estas questões também entre nós, ao acolhermos crianças e adolescentes de culturas e credos diferentes. A nossa matriz convida-nos à educação religiosa dos *filhos*. Vem daí um *confronto* natural, em que um ou outro se diz muçulmano. É evidente que a Pessoa de Jesus Cristo não lhes deve ser estranha, mas dada a conhecer, pois a iliteracia religiosa é prejudicial ao crescimento humano. O respeito pelas convicções dos outros passa pelo conhecimento da sua cultura.

Em Portugal, seria de debater mais profundamente os projectos de lei sobre a vida e família, de

cuja gravidade não foram tiradas todas as ilações. O coro de vozes serenas e fundamentadas teria de ser mais audível e atendido por pseudo-legisladores, que entendem mal a igualdade e a identidade de cada pessoa humana, e desprezam o modelo familiar cristão. Pode parecer às gerações mais jovens que tudo é lícito, não havendo normas para a dignidade humana. Quando isso acontece, perderam-se as referências e encontram-se perdidos na desordem social de valores, consumidores acríticos de imagens e sons, de redes, num mundo digitalizado.

No cuidado da *casa comum*, do nosso planeta, não pode ficar de fora o valor da família como centro nevrálgico da vocação e realização humana, essencial para a constituição da pessoa e a paz social. Não estranha aos observadores mais atentos que, sub-repticiamente, haja uma estratégia de ataque deliberado à família cristã. Há organizações poderosas com influência internacional, corrompendo os sistemas, que se acham donas da vida humana desde a concepção à morte natural. Trata-se de propagar uma *não-ética*, cujo estilo de vida não valoriza a família natural e ignora claramente a identidade e as diferenças humanas, em que cada pessoa é única e irrepetível, sendo necessária a mediação da família, com a paternidade e a maternidade, e a experiência de filhos e irmãos. A nível eclesial, há um enormíssimo trabalho (missão) de educação sólida para a vida e de promoção familiar, com ideias claríssimas e atenção a todas as situações periféricas e marginais.

Por isso, saudamos a tomada de posição dos juristas católicos, para quem a adopção visa proporcionar à criança *um vínculo de filiação o mais possível próximo da filiação natural e o aborto nunca é um bem para o nascituro, para a mulher grávida e a sociedade*. Também não se torna lícito privar as crianças das referências masculina e feminina, das figuras paterna e materna, deliberadamente. Na verdade, a família justifica-se sempre como *lugar* de encontros únicos e de relações essenciais. Infelizmente, há quem tencione programar a sua nulidade a prazo, pois seria um elemento *desnecessário* para a pessoa humana e *perturbador* da sociedade. Decretar a orfandade pessoal e social, não olhando ao *superior interesse do menor*, é não deixar as crianças viverem e crescerem nas diferenças, o que traz consequências ainda não totalmente abarcáveis, mas seguramente palpáveis na desarmonia social.

Nesta família, fruto de pobreza e destruturações familiares, são notórios os comportamentos que advêm dessas situações. Vários pequenos sentem, mais do que o pão para a boca, as ausências dos seus progenitores, cujo vazio é remediado dentro do possível. Há tempos, um espigadote gritou assim: — *Eu quero a minha mãe!* No íntimo de cada um de nós, são palavras únicas! É grave impedir, por decreto, de ter um pai e uma mãe. Da gravidade dos filhos (pais) ilegítimos quer-se passar para uma orfandade imposta. Que importa festejar o Natal com milhentas coisinhas e luzinhas, se o Menino é um acessório de famílias do passado? Que o retrocesso não seja a regra, mas que haja progresso social cuidando da vida humana nascente até ao ocaso, e valorizando o ninho no qual o pai e a mãe dão a vida pelos filhos. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

aquela passagem do Evangelho, do julgamento final: — Eu tive fome e me deste de comer!... Tive sede... Estava sem casa etc. Eu por mim acredito do fundo do meu coração que hei-de ouvir estas belas palavras da Boca do Senhor no último dia!»

De Guimarães, *«aqui vai uma aspirina para suavizar estas permanentes dores de cabeça. É um genérico, mas tenho fé que a próxima será um laboratório altamente credenciado, 100€»*.

A assinante 30159, de Lisboa, *«para o seu Património»*. Sim, para o meu, para o nosso e para o dos pobres, mil euros.

Dez euros, da Joaquina, várias vezes; trinta, da Gabriela, de Torres Vedras; trezentos, de Algés, *«para os casos angustiantes e bem dolorosos»*. Dois mil, de Braga, uma Maria que há muito comunga das minhas aflições. *«Gosto imenso d’O GAIATO, leio do princípio ao fim, e lido, levo-o para a saída das igrejas! É em acção de graças pelo meu baptismo e em sufrágio de todos os seus participantes»*.

«Acabo de rezar o Terço e o Senhor padre Acílio está sempre no meio das Avé Marias», 50€. O mesmo, de Ovar, de quem me pede uma oração. Todos os dias os colaboradores da Obra da Rua fazem parte das minhas preces.

De Lisboa, o Jorge, *«leio sempre os seus artigos. A desgraça aflitiva, 1500€»*. De Alpiarça, *«agradeço ao Senhor tudo o que me dá»*, 200€. A Fernanda, de Mangualde, sempre presente, 300€. De Vila Nova de Gaia, muito apreensiva com as minhas notícias, 200€. Muito discretamente, como de costume, Maria Cármen, 2000€. 500€, de MLL, de Lisboa; e 100€, de Oeiras. 200€, de Vagos; e 100€, da Benilde. 50€, por mês, da Setubalense; e o mesmo do Joaquim, de Coimbra, sem nunca falhar.

Um padre do Alentejo, 810€, e *«posso não ler mais nada, mas leio sempre o Património. Fico inquieto e digo sempre para mim, tenho de mandar uma ajudinha»*.

Testemunhos vivos e concretos sobre a actuação do Espírito de Deus nos corações que se deixam trabalhar!

Bom e frutuoso Advento. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

um mundo novo com a alma do amor e da justiça. Não tenhamos medo! A partilha destes corações com a nossa vida da Casa do Gaiato está muito viva. Doutro modo, a sobrevivência não seria possível. Vamos continuar, alimentados sempre pela esperança no amor dos vossos corações.

Há dias, apareceu o pai dum filho que vivia na nossa Casa do Gaiato. Estava disposto a levá-lo consigo. Este filho havia sido rejeitado, pelo seu comportamento muito mau. Acolhemo-lo, no momento do seu abandono. O lugar natural, porém, onde este filho devia estar, era a sua família. Felizmente a solução ideal apareceu. Devemos ter cuidado, sem dúvida, para que os filhos que buscam a Casa do Gaiato sejam filhos sem família ou, tendo-a, é como se a não tivessem. Contudo, a passagem do Alcino pela Casa do Gaiato foi muito saudável para ele. Aproveitou a escola e aprendeu a seguir o caminho dum filho educado. Na verdade, a aparência e a realidade que apresentou, quando chegou, faziam pensar num filho perdido, sem remédio. Afinal, o amor verdadeiro é salvador. Assim esperamos. Outro caso dum filho muito difícil de educar, foi apresentado pelo pai residente em Luanda. Ouviu falar da nossa Casa do Gaiato e veio, de propósito, pedir o internamento do filho. Estava enganado. A Casa do Gaiato não é o internato normal para filhos com família. Pelo contrário, quer ser a Casa de Família dos filhos sem família, abandonados, da rua. Compreendeu. Pedimos-lhe que tivesse muita paciência, alimentada pelo amor de pai, para levar para a frente a educação do seu filho difícil. Muitos outros batem à porta da Casa do Gaiato, à busca dum lar. É, sem dúvida, um problema social muito grave. Multidões de crianças vagueiam pelas ruas da cidade e dos bairros, sem morada certa e segura que lhes garanta um futuro com dignidade. Este problema deve afligir-nos a todos, desde as autoridades ao simples cidadão. São filhos chamados de pais incógnitos e mães sem capacidade para os criar. Da nossa parte, tudo faremos para ir ao encontro da solução deste problema social, com a vossa ajuda.

O ano escolar chegou ao fim. A escola constitui um dos centros principais da nossa vida. A preparação do futuro destes filhos está dependente do aproveitamento escolar. Desde o início da existência da Casa do Gaiato, a escola é o refeitório para a inteligência. É imprescindível, portanto, para a vida destes filhos, como o refeitório para o estômago. Em breve, teremos os resultados. Infelizmente, pelos sinais colhidos ao longo do ano, não haverá resultados felizes para todos. Seria o ideal. Mas, como acontece nas famílias normais, assim também connosco. Há filhos que, apesar de todos os cuidados e esforços para o seu aproveitamento, se deixam enredar pelas forças contrárias. Sofremos, mas não podemos desanimar. Assim deve acontecer com todos os pais.

Vamos a caminho do Natal. É a festa da Família. Quem dera o amor fecundo dos corações partilhe tudo o que tem, na medida do possível. Vivemos nesta esperança. □